



Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533

Volume 26 | nº 2 | 2021

Artigo recebido em: 23/09/2021

Aprovado em: 08/11/2021

Alice Maria Correa Medina

[Professora Adjunta da Universidade de Brasília. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE)].

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9647-7951>

Marina Barreto Aviani Ribeiro

[Graduanda da Universidade de Brasília. Bolsita do Programa de Iniciação Científica - ProIC - UnB].

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0713-4645>

Isabela Gomes Kyrillos

[Graduanda da Universidade de Brasília. Bolsita do Programa de Iniciação Científica - ProIC - UnB].

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9856-4071>

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E O CONTEXTO INFANTIL E FAMILIAR DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

La educación ambiental y el contexto infantil y familiar durante la pandemia COVID-19

Environmental education and child and family context during the pandemic of COVID-19

Resumo

Ao tratar sobre a pandemia, da COVID-19 é necessário considerar as mudanças advindas, sobretudo, de isolamento social, que obrigou as famílias a se isolarem dentro de casa. O estudo foi realizado com crianças e seus familiares e, apresentou como objetivo verificar a participação das crianças em atividades relacionadas às representações por meio de desenhos, acerca do desenvolvimento de uma planta e registros fotográficos durante o isolamento social, no contexto familiar. Foi um estudo qualitativo, baseado na investigação empírica de um fenômeno contemporâneo relacionado à vida cotidiana (YIN, 2005) e caracterizado como um trabalho interpretativo (BAUER; GASKELL, 2002). Como resultado observou-se que as atividades relacionadas à educação ambiental, na infância, aliada à tecnologia, podem favorecer as relações ambientais e familiares.

Palavras-chave: Crianças; Educação Ambiental; Isolamento Social.

Resumen

A la hora de afrontar la pandemia, a partir del COVID-19, es necesario considerar los cambios derivados, sobre todo, del aislamiento social, que obligó a las familias a aislarse en el hogar. El estudio se realizó con niños y sus familias y tuvo como objetivo verificar la participación de los niños en actividades relacionadas con representaciones a través de dibujos, sobre el desarrollo de una planta y registros fotográficos durante el aislamiento social, en el contexto familiar. Fue un estudio cualitativo, basado en la investigación empírica de un fenómeno contemporáneo relacionado con la vida cotidiana (YIN, 2005) y caracterizado como un trabajo interpretativo (BAUER y GASKELL, 2002). Como resultado, se observó que las actividades relacionadas con la educación ambiental, en la infancia, combinadas con la tecnología, pueden favorecer las relaciones ambientales y familiares.

Palabras clave: Niños; Educación Ambiental; Aislamiento Social.

Abstract

By dealing with the pandemic, from Covid-19 it is necessary to consider the changes arising, above all, of social isolation, which forced families to be isolated in the house. The study was carried out with children and their families and, it presented as a goal to verify the participation of children in activities related to representations by means of drawings, about the development of a plant and photographic records during social isolation, in the family context. It was a qualitative study, based on the empirical investigation of a contemporary phenomenon related to everyday life (Yin, 2005) and characterized as an interpretative work (Bauer & Gaskell, 2002). As a result, it was observed that activities related to environmental education, in childhood, allied to technology, can favor environmental and family relationships.

Keywords: Children; Environmental Education; Social Isolation.

INTRODUÇÃO

A pandemia da COVID-19 trouxe grandes mudanças globais, dentre elas a necessidade do isolamento social, que gerou grandes mudanças nas dinâmicas sociais e familiares e o distanciamento social foi uma recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS), como estratégia para o controle e redução da disseminação da doença no mundo. Como consequência, a rotina familiar foi impactada de várias formas como a realização das atividades de trabalho e escolares em casa favorecendo, concomitantemente, o aumento do tempo de convivência entre os adultos e as crianças no espaço domiciliar.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) informou sobre a COVID-19, comunicando que se tratava de um novo tipo de coronavírus, ainda não identificado anteriormente em seres humanos. Devido à facilidade de

transmissão da doença a OMS, em 30 de janeiro de 2020, declarou emergência internacional em saúde pública, visando interromper a propagação do vírus. A medida de prevenção mais disseminada pelas autoridades por todo o mundo foi o distanciamento social (OPAS, 2020). A doença foi identificada no Brasil em fevereiro de 2020 e uma semana depois, foi confirmado no Distrito Federal o primeiro diagnóstico oficial de uma paciente (Ministério da Saúde, 2020). As atividades educacionais e presenciais foram suspensas pelo Decreto nº 40.509 de 11 de março de 2020.

A pandemia, da COVID-19, impactou a dinâmica mundial de maneira significativa relacionada à rotina, ao trabalho e às relações interpessoais, que para a contenção e controle viral foi indicado o isolamento/distanciamento social. A mudança de comportamento acabou gerando diversos efeitos psicológicos e impactos emocionais diante da situação de insegurança e incerteza, promovida durante o período da pandemia, favorecendo o sentimento de ansiedade na população. As rotinas foram afetadas e com isso as interações, antes realizadas presencialmente, passaram a ser majoritariamente mediadas pelas tecnologias, como no caso das aulas remotas. As brincadeiras ao ar livre diminuíram ou cessaram e, o uso das tecnologias aumentou o que, em alguns casos, promoveu alteração nos padrões de sono, distúrbios alimentares, estresse e ansiedade (RODRIGUES; LINS, 2020, FLORÊNCIO; PAIANO; COSTA, 2020).

Os noticiários indicaram, durante o isolamento social, quadros de agitação e irritabilidade identificados em adultos e crianças. O cenário de pandemia e confinamento transformou a rotina familiar desenhando novos cenários, contextos e desafios relacionais, entre os quais o acompanhamento das atividades escolares no ensino remoto. A dinâmica familiar, durante a pandemia, envolve grandes desafios aos grupos e familiares como, por exemplo, a realização do trabalho remoto dos pais, os estudos das crianças e a rotina da casa. Dessa forma, os pais e os filhos que, antes da pandemia, desenvolviam suas atividades em ambientes externos agora passam a compartilharem o mesmo espaço doméstico, necessitando de uma nova gestão e reorganização das rotinas domiciliares, seja por meio do ensino remoto ou *home office* (BEZERRA, *et al.*, 2020).

Aspectos negativos causados pelo distanciamento social devem ser analisados para a compreensão de comportamentos que ocorreram durante o período de pandemia. O fechamento das escolas promoveu, em alguma medida, um comprometimento da aprendizagem e, provavelmente algum impacto nas dimensões sociais e psicomotoras das crianças. Um exemplo das atividades que, provavelmente sofreram com o fechamento das escolas e o isolamento foi à redução das práticas relacionadas à Educação Ambiental. O distanciamento social e o confinamento, principalmente das crianças podem trazer mudanças comportamentais na infância. De acordo com Lopes (2018), o contato com o ambiente natural é capaz de proporcionar às crianças a sensação de bem estar com o desenvolvimento da autoestima, aumento da afetividade, funcionando como um incentivo para exploração e desenvolvimento de novas descobertas.

A convivência entre os familiares, durante a pandemia aumentou ocorrendo por um período de tempo maior, sendo assim, a promoção de atividades que relacionem afeto, natureza e lúdico poderá contribuir em períodos e isolamento social.

Durante o estudo foram desenvolvidas atividades relacionadas ao acompanhamento de mudas de alface, no contexto domiciliar, favorecendo uma participação dos pais e responsáveis com a indicação do uso do celular, pelas crianças, como recurso pedagógico e a produção de desenho para as representações infantis.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL E A INFÂNCIA

No atual momento faz-se necessário o restabelecimento e a recriação de ambientes, relações, conhecimentos e valores da sociedade alterando a rotina familiar fazendo com que as pessoas permaneçam em casa, utilizando computadores, *tablets* e celulares (GUERRA *et al.*, 2020). Moraes (2020) ressalta a rapidez e a proporção das mudanças, que o vírus causou nas rotinas humanas, substituindo-se o ensino presencial pelo ensino remoto emergencial.

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto governamental de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. E é emergencial porque subitamente o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser completamente modificado (MORAES, 2020).

As Bases Nacionais Comuns Curriculares (2018) aborda seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento que devem ser assegurados pela educação básica: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. Por mais que as crianças iniciem a vivência com as tecnologias digitais mais precocemente, as ferramentas digitais, no contexto infantil de um modo geral, têm como finalidade entreter as crianças e proporcionar momentos de brincadeira e diversão havendo no contexto de pandemia, uma preocupação quanto à garantia dos direitos infantis, por meio do ensino remoto (MEDEIROS; PEREIRA; SILVA, 2020). Nessa linha, o MEC (2020) recomendou uma aproximação virtual dos professores com as famílias, a fim de estreitar vínculos e garantir que as atividades sejam divertidas e dentro do contexto em que a criança está inserida, garantindo dessa forma, que a criança se desenvolva brincando. Foi ressaltada a importância dos educadores criarem ambientes lúdicos e diversificados para aumentar o envolvimento da criança com o conteúdo e realmente proporcionar um aprendizado contextual significativo. Através da Educação Ambiental é possível recriar uma conexão com o eu, com o outro, com o nós e com a essência da vida.

Os conteúdos escolares devem incluir os temas transversais e entre eles o contato com os elementos naturais, a fim de estimular a criança ao contato com a natureza em todos seus aspectos, como a vegetação, areia, água e cuidados com pequenos animais. A partir da utilização de uma muda, acompanhar a planta crescer e colhê-la ao final de seu crescimento. A criança pode compreender os mecanismos da natureza, reconhecer-se como parte dela e questionar sua própria participação no meio ecológico (ELALI, 2003). Assim, a educação ambiental não é apenas uma ferramenta para gerenciar problemas de gestão do meio ambiente, mas uma dimensão essencial da educação, que ocorre por meio das relações de desenvolvimento social e pessoal (GUERRA, 2020). Com as novas observações e conhecimentos advindos do isolamento social, faz-se necessária a reflexão de ações e práticas de educação ambiental que possibilitem uma reconexão e maiores cuidados com a natureza.

E fica o convite para estabelecermos outro modo de pensar e sentir a EA na ação de cada Comunidade, de cada espaço de aprendizagem. Esse modo conservará a relação interligada e sempre em movimento da solidariedade, do cuidado com a vida em todas as suas

manifestações, no sentimento de pertença e no sentido de existência. Para tanto, é imprescindível compreender e experienciar as novas situações que se apresentam, a partir das crises geradas pelas pandemias que assolam nosso planeta, e aquelas oriundas das mudanças climáticas que podem contribuir para ressignificar a própria experiência de viver e conviver juntos nesta Casa Comum (GUERRA, 2020).

O pedagogo John Dewey defendeu a escola não como uma forma de preparação para a vida, mas sim como a própria vida, onde não se reduz simplesmente a um local para ensinar e/ou aprender determinados conteúdos, mas um ambiente de convívio social em que as crianças têm grandes experiências de vida. Portanto, principalmente no momento atual, é necessário saber ouvir e entender as crianças.

Escutar as crianças implica uma capacidade genuína e ativa de escutar, não só as palavras, mas também a forma como as crianças se expressam, [...] apelar e valorizar outras formas de linguagem que não só a oral e a escrita, mas que fazem parte do universo da comunicação infantil (PEQUITO *et al.*, 2020, p.5-6).

O livro *“Histórias de um bicho mau: traços e vozes das crianças sobre COVID-19”*, de Pequito et al., (2020), visa criar um espaço de voz das crianças, em que as crianças sejam estimuladas e reconhecidas por sua capacidade de expressão, à sua maneira. Traz diversos desenhos e falas de crianças de 3 a 10 anos sobre suas perspectivas, inquietações, sentimentos, pensamentos e posições a respeito da Covid-19, relacionados ao momento em que estamos vivendo. As crianças demonstram claramente entender a situação causada pela pandemia, os riscos, os cuidados e relatam o que gostam e o que não gostam nesse contexto, o que sentem saudades e o que gostam de ter deixado para trás.

Durante a educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, ocorre no processo de desenvolvimento infantil, a produção e a descoberta de valores, sentimentos, identidade e autonomia e nessa fase há a necessidade de uma assistência e acompanhamento constante das instituições escolares e familiares, a fim de estimular e desenvolver o potencial individual, onde a ludicidade tem um papel fundamental. Neste contexto é fundamental considerar a individualidade de cada criança, considerando que as crianças possuem uma trajetória própria (OLIVEIRA; NETO; OLIVEIRA. 2020).

A criança, muitas vezes é considerada como um ser incapaz de se expressar, criar e recriar, entretanto, é um ser que tem muito a oferecer ao mundo: imaginação, criatividade, olhar diferenciado e esperançoso, sendo capaz de sensibilizar, inovar e transformar ambientes. Basta um pouco de atenção à fala dos pequenos, conciliando-as com seus gestos e expressões. Não há, nas crianças, de uma incapacidade de expressão, mas o adulto é que, muitas vezes é incapaz de percebê-las e entendê-las.

Muitas vezes vemos a criança mostrando seus desenhos aos adultos, que nem sempre param para ver e ouvir. Muitas vezes não dão atenção a esse momento, sem perceber que ali, naquele simples papel, há todo um universo a compreender. Se o adulto ouvisse e visse verdadeiramente as produções gráficas e os relatos orais gerados no espaço do desenho, saberia tantas coisas sobre as crianças que nunca imaginaria. É preciso dar atenção consciente às crianças, dialogar e ouvir o que elas têm a contar, como percebem o mundo e como se vêem nesse mundo. Assim, “ouvir a voz das crianças” designa uma postura dialógica perante elas, atenta às suas diversificadas formas de expressão (GOLDENBERG e FROTA, 2017).

Embora o mundo já estivesse conectado antes da pandemia, ocorreu, em função do contexto pandêmico, um aumento exponencial do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação - as TDICs – impactando também, de forma global, os processos de ensino-aprendizagem mundiais (MORAES, 2020). Professores, alunos e pais se viram obrigados a adaptar-se e reinventar-se para este novo mundo da educação, mediada pela tecnologia. Entretanto, faz-se necessário destacar que o ensino remoto, como recurso pedagógico, requer a disponibilidade de equipamentos e, um ambiente desprovido desses recursos poderá ter um impacto no processo educacional. Como desafio enfrentado pelas famílias no contexto do ensino remoto há, além da necessidade de recursos eletrônicos, a necessidade de acesso à internet, qualidade da rede e uso das plataformas indicadas pelas escolas (MEDEIROS; PEREIRA; SILVA, 2020).

EDUCAÇÃO AMBIENTAL O USO DAS TECNOLOGIAS E O CONTEXTO FAMILIAR

Sem dúvida, as experiências compartilhadas no contexto familiar, em função da crise da COVID-19, permitiu uma maior convivência entre as crianças e os seus familiares e a promoção de atividades relacionadas à educação ambiental pode favorecer ambientes relacionais diferenciados, seja

por meio do uso de um dispositivo eletrônico, seja por meio de uma atenção direcionada ao cuidado de uma plantinha.

A tecnologia, de um modo geral, desperta um grande interesse no universo infantil, havendo a necessidade de um acompanhamento e orientação, das crianças, pelas famílias e instituições escolares. Segundo Bieging *et al.* (2013):

A curiosidade natural própria da infância motiva-as a relacionarem com as novas mídias, a explorarem as suas possibilidades, a brincarem e descobrirem conteúdos com os quais reforçam o acesso ao mundo que querem conhecer e dominar. (BIEGING *et al.*, 2013, p.164).

A inserção de atividades relacionadas à Educação Ambiental na escola é de extrema importância, pois pode promoverá o desenvolvimento de uma consciência ambiental, além da possibilidade de obtenção de conhecimentos a respeito do valor nutricional dos alimentos. A relação com elementos naturais pode acontecer de diversas formas como, a partir de um projeto escolar contínuo ou uma horta domiciliar de acordo com Júnior e Nogueira (2013). As experiências, junto ao ambiente natural, possibilitam a criança interagir na relação sujeito-natureza, de forma direta, favorecendo uma reflexão sobre os bens naturais desde a infância.

Segundo Tiriba e Profice (2019), as crianças, nos espaços providos de tecnologias, passam a maior parte do dia em lugares interagindo com dispositivos eletrônicos, o que pode resultar em um afastamento da natureza, como consequência. O isolamento social e o acesso às tecnologias, cada vez maior, têm diminuído de um modo geral, a interação humana com a natureza, pois a comodidade e as diversas possibilidades que estes meios oferecem pode gerar um afastamento dos espaços naturais, aliada a situação vivida hodiernamente. Por isso, cultivar uma pequena horta, em casa, representa uma opção de interação entre pais, filhos e natureza, sem necessariamente excluir-se ao uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), que podem ser apropriadas como recursos pedagógicos.

Neste contexto, os pais e responsáveis são fundamentais para o enfrentamento da realidade, pois segundo Papalia e Feldman (2013), o estado emocional dos responsáveis impacta diretamente no estado emocional dos filhos. Diante desse cenário, os responsáveis pelas crianças são convidados a

aproximarem-se dos filhos, buscando estratégias de interação e mediação, ao acesso às tecnologias, visto que podem oferecer riscos exposições desnecessárias das crianças, além de noticiários de confiabilidade duvidosa sobre a COVID-19. (FLORÊNCIO; PAIANO; COSTA, 2020).

As experiências lúdicas e relacionais, no contexto familiar, poderão favorecer a diminuição do estresse disseminado pela pandemia, diante de situações como, por exemplo, o desemprego, a insegurança financeira, aumento da violência doméstica e restrições de consumo relacionadas aos alimentos (BEZERRA, *et al.* 2020).

AS RELAÇÕES AMBIENTAIS E AS REPRESENTAÇÕES INFANTIS

Na situação de pandemia foi necessária a recriação de ambientes, relações, conhecimentos e valores familiares, ambientais e sociais. A humanidade já ultrapassou e superou diversas crises mundiais, mas este cenário atual expôs as fragilidades humanas, suscitando reflexões sobre o direito de todos os seres. O vírus da COVID-19 foi capaz de retirar da humanidade o oxigênio, um dos elementos ecossistêmicos básicos para vida na Terra (GUERRA *et al.*, 2020). Neste sentido, são necessárias reflexões sobre a vida, as escolhas, os valores humanos e sobre o modo de ser, pensar e estar no mundo, exigindo um compromisso e uma responsabilidade com o planeta em que vivemos e, para que isso aconteça de forma efetiva à educação das crianças e jovens, precisa ser contextualizada a significativa.

A percepção ambiental - forma como o indivíduo compreende o meio ambiente, resultante de conhecimentos e experiências - é importante para identificar, planejar e desenvolver ações de sensibilização e de educação ambiental (LIMA; MORAIS; BASSETI, 2014).

Entre as representações, o desenho como forma de comunicação das crianças, sem que haja a necessidade de expressão verbal, pode ser de suma importância para a identificação e registro de seu entender e suas emoções em relação ao ambiente, principalmente em meio ao isolamento social.

As representações infantis refletem o meio em que a criança está inserida, a forma como esta vê e entende o mundo. Pode expressar sonhos, medos, traumas e desejos, além de dialogar e incentivar a própria língua falada

e escrita (MEREDIEU, 1974). Para interpretar as expressões artísticas e linguísticas da criança é necessário se desprender do pensamento adulto, no exercício de tentar se aproximar, para conhecer e compreender o mundo, do olhar infantil (GOLDENBERG; FROTA, 2017).

METODOLOGIA

A presente pesquisa é de natureza qualitativa com a participação de crianças relacionada às dimensões de cuidado, registros fotográficos e produção de desenhos livres a partir de uma plantinha. Os desenhos, como instrumentos de pesquisa podem favorecer as representações relacionadas às percepções, valores, fenômenos e hábitos dos participantes (DENZIN; LINCOLN, 2006; GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 1993; LÜDKE e ANDRÉ, 1986; MINAYO, 1993). O estudo é caracterizado como qualitativo e interpretativo de acordo com Bauer e Gaskell (2002) e André (1995).

O estudo foi apresentado para três turmas de Educação Infantil de uma escola pública de Brasília - DF. Inicialmente vinte e duas famílias apresentaram interesse no estudo, recebendo cada família uma muda de alface, entretanto, somente doze famílias iniciaram a participação na pesquisa, portanto, um total de doze crianças com idade entre cinco e seis anos. A pesquisa contou com a autorização do Comitê de Ética CEP/ FS/ UnB - CAAE 88938418.0.0000.0030. Foi apresentado e entregue aos responsáveis o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE para assinatura e autorização quanto à participação da criança na pesquisa, assim como a assinatura no Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (entregue aos responsáveis), por cada criança, que poderia assinar ou colocar a digital, caso concordasse em participar.

A programação das atividades de pesquisa, do presente estudo, foi estabelecida de forma dialógica com os conteúdos do plano de ensino das turmas que trataram, entre outros temas, sobre a pandemia.

Foram distribuídas mudas de alface para as crianças cultivarem em casa solicitando registros infantis fotográficos, por meio do uso de um celular, durante o processo de crescimento e desenvolvimento da mudinha, com o acompanhamento dos familiares.

Como atividade cada criança cuidou da sua plantinha, muda de alface, entre quatro a cinco semanas, regando-a, colocando-a no sol e guardando-a se necessário. Ao final de cada semana as crianças participantes fizeram um desenho, como representação da muda. Após a execução do desenho as próprias crianças fotografaram sua plantinha e seu desenho como registro da pesquisa e seus responsáveis enviaram às professoras, que encaminhou as imagens para as pesquisadoras.

RESULTADOS

No total foi disponibilizado, à escola, um total de trinta mudinhas de alface, sendo que vinte e duas famílias apresentaram interesse e doze iniciaram a participação efetivamente. Das doze crianças, três enviaram somente foto da plantinha. Duas crianças fizeram somente o primeiro desenho, quatro fizeram três desenhos (referente às três primeiras semanas) e somente três fizeram os quatro desenhos, ou seja, participaram do projeto durante as quatro semanas previstas. Além disso, em algumas imagens enviadas, não ficou totalmente claro se foram às crianças que realmente fotografaram a plantinha.

Como resultado e conclusão das atividades em todas as fases, somente os participantes 1, 2 e 4 entregaram os registros do desenho nas quatro semanas do estudo.

Embora um maior número de familiares tenham se interessado em participar do estudo, vinte e duas famílias, somente doze famílias iniciaram a participação na pesquisa. Segundo relato dos familiares às professoras, durante a pesquisa, os maiores empecilhos na continuidade das atividades foram às dificuldades na rotina, esquecimento em relação ao cuidado com a planta, no registro da fotografia e produção do desenho, além da morte da muda.

Outra questão relatada pelas professoras foi relativa ao contato e retorno das famílias, no decorrer das semanas de acompanhamento, relacionada ao envio/devolução dos termos de consentimento assinados para participação na pesquisa.

Foi observado também que em algumas fotografias, os pais assumiam o papel de fotógrafos no lugar dos filhos, ou ainda que as crianças, entusiasmadas com as alfaces, incluíam-se nas fotos, no formato de *selfies*, impossibilitando a inclusão da foto na pesquisa.

O desenho, como instrumento de representação infantil, também permitiu que as crianças expressassem suas percepções sobre o crescimento e desenvolvimento da planta, inclusive no caso da morte da mudinha. Sarmiento (2011) afirma que o desenho infantil precede a comunicação escrita e oral, é através deste que as crianças se comunicam, se expressam e traduzem sua visão de mundo exterior e sua realidade interna. O desenho infantil é elemento fundamental e privilegiado de expressão e representação, essencial para o entendimento e comunicação para com a criança (MEREDIEU, 1974), porém muitas vezes ignorado e/ou subestimado pelos adultos (GOLDENBERG; FROTA, 2017). Considerado como instrumento de distração e divertimento, por alguns, não recebe a devida atenção para que possa transcender e ser dimensionado em seu valor, como um instrumento de expressão e comunicação.

Seguindo o diálogo estabelecido entre o presente estudo e os conteúdos dos planos de ensino da escola, algumas mudas de alfaces, entre as quatro e cinco semanas de cultivo foram colhidas e incluídas nas refeições das crianças o que promoveu, entre as crianças, um estímulo para o consumo.

Durante o processo de crescimento e desenvolvimento da plantinha, algumas mudinhas morreram e a situação foi conduzida, pelas professoras da turma, baseada na dimensão e no nível de compreensão das crianças para se discutir sobre a morte.

A associação entre o cuidado com a planta, o desenho da muda e a fotografia favoreceram uma relação mais efetiva, entre o brincar e as TDICs, possibilitando a aprendizagem infantil mais participativa, já que as crianças, de um modo geral, têm interesse em manusear um celular.

Corroborando com o que é apontado Lopes (2018), os responsáveis participantes do projeto, assim como os professores, relataram o desenvolvimento do sentimento de satisfação, entre as crianças, relacionado à manifestação de orgulho em cuidar da plantinha.

Abaixo o relato de uma mãe participante sobre a participação da filha na pesquisa. O nome na criança é representado pela letra N:

“Como pais e biólogos, achamos a experiência enriquecedora. N e o irmão já tinham experiência com o cultivo de plantas ornamentais e temperos. Como era responsabilidade dela a plantinha ficou murcha por alguns dias, em que ela não se lembrou de regar. Acreditamos que a mudinha proporcionou uma experiência de conexão com a turma e com a professora, pois ela sabia que deveria manter a mudinha viva para apresentar à classe e para os amigos”.

A presente pesquisa dialogou com os conteúdos e as temáticas escolares, relacionadas à pandemia como, por exemplo, a morte, assunto presente e recorrente no cotidiano atual das famílias em um momento pandêmico.

DISCUSSÃO

Embora haja a necessidade de indivíduos tecnologicamente capacitados, ainda há familiares e professores que permanecem distantes de muitos recursos oferecidos pela TDICs, dificultando sua assistência e acompanhamento junto às crianças (OLIVEIRA; NETO; OLIVEIRA. 2020). Em relação à apropriação das tecnologias o uso do celular na infância, ainda não é considerado como um recurso tecnológico e uma ferramenta pedagógica promissora (LOPES; PIMENTA, 2017). Nesse sentido, surge a necessidade que as instituições escolares possam orientar aos docentes, sobre o manuseio e o uso das tecnologias, visando à capacitação dos educadores para mediação e orientação junto às famílias, em algumas situações. A partir do conhecimento e desenvolvimento das habilidades, relacionadas ao uso dos dispositivos eletrônicos, professores e familiares poderão favorecer um desenvolvimento infantil mais efetivo durante o processo de construção do conhecimento.

Embora os recursos eletrônicos estejam sendo utilizados em grande escala atualmente são necessários novos estudos e pesquisas relacionados ao tema (PACHECO, *et al.*, 2021 e LOPES e PIMENTA, 2017), principalmente no ambiente infantil.

Há, na psicopedagogia, trabalhos que utilizam o desenho de figuras humanas, como método de avaliação relacionado ao bem estar psicológico infantil (ROSA, 2018), entretanto, é indicado que mais estudos possam utilizar o desenho na infância, como forma de representação da percepção infantil, junto ao ambiente natural com as plantas e os animais.

Na Educação Ambiental os educadores assumem o compromisso de estimular reflexão-crítica e a ação participativa dos estudantes, principalmente diante das duas crises em que vivemos: a climática e a pandemia da COVID-19. Essa tomada de consciência ocorre por meio de uma relação dialógico-problematizadora, a fim de produzir novas relações ambientais.

Como indicado anteriormente, a morte foi um dos temas abordados, pelas professoras, durante a pandemia de COVID-19, e o tema desenvolvido no estudo favoreceu uma discussão com as crianças sobre a morte.

A partir da necessidade do contato das crianças com as áreas verdes, esse estudo possibilitou a cada criança acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de uma mudinha de alface ao longo das semanas. Os momentos de cuidados da plantinha visavam proporcionar, além das representações por meio de desenhos, uma relação e acompanhamento em parceria entre a criança e a família com o registro fotográfico da plantinha.

Além de promover uma educação de qualidade com contribuições para o desenvolvimento humano, social e ambiental é necessário valorizar os sentimentos e a autonomia das crianças. A situação de isolamento social prolongado em período de pandemia pode trazer repercussões psicológicas negativas como a raiva, confusão, estresse, medo de infecção, frustração, incluindo situações relacionadas ao desemprego e problemas financeiros, entre outros (SAURABH; RANJAN, 2020). Como forma de cuidado à saúde mental das crianças é necessário identificar a maneira como expressam seus sentimentos e inquietações e como se relacionam com o mundo. Compreender estas manifestações é fundamental para o convívio infantil, oferecendo suporte emocional, permitindo que a criança manifeste e expresse seus sentimentos, criando oportunidades de brincadeiras e relaxamento em rotinas diárias para estudos, brincadeiras, descanso, refeições e sono.

Os casos de depressão, atitudes e pensamentos violentos entre as crianças tiveram um aumento significativo após o início da pandemia, como aponta Cevallos-Robalino, Morales e Neira (2021). Como fatores que podem ter influenciado este quadro são apontados, no estudo de Aydogdu (2020), a situação econômica, alteração no comportamento ou ausência dos pais, perda de parentes e amigos para a doença, violência infantil e acesso livre a informações violentas, desapropriadas, falsas e/ou agressivas na internet. Devido à suscetibilidade gerada pela pandemia em todo mundo é essencial estimular na criança a prática de se expressar, comunicar, conversar e externalizar o que pensa e sente, para que então possam ser tomadas providências necessárias, a fim de auxiliar, proteger e cuidar da criança integralmente - emocional, psicológica e socialmente (AYDOGDU, 2020).

A orientação e educação das crianças é um trabalho conjunto de escolas e responsáveis, porém não necessariamente dependente apenas destes dois agentes (OLIVEIRA; MARINHO-ARAÚJO, 2010) e, da mesma forma, a educação ambiental deve ser trabalhada de forma conjunta, não somente pela escola, mas no cotidiano da criança e ao longo de seu desenvolvimento, podendo ser utilizado o celular ou demais meios eletrônicos como ferramentas pedagógicas. Tal utilização de recursos eletrônicos no âmbito da aprendizagem infantil, embora esteja recebendo mais atenção atualmente é ainda um recurso pouco utilizado como ferramenta pedagógica, requerendo a elaboração e produção de novos estudos (PACHECO, *et al.*, 2021, LOPES; PIMENTA, 2017).

Como atividade com as crianças, o cultivo de hortas caseiras é uma excelente opção de prática familiar, pois como afirma Júnior e Nogueira (2019), atividades de plantio e germinação passam a ser parte do dia a dia da criança. De acordo com Doss (2018) a promoção de atividades que promovam, nas crianças vivências com a natureza contribui, tanto para o desenvolvimento de capacidades e habilidades mais amplas, como suporte para a aprendizagem e o desenvolvimento da consciência ambiental.

Foi possível observar, durante o estudo, a necessidade de uma participação e envolvimento familiar mais efetivo e, que as dificuldades e demandas geradas pelo cotidiano pandêmico acabaram por impactar um

envolvimento familiar com as atividades, acarretando uma dispersão das famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações e discussões feitas, concluímos que permitir e incentivar as crianças a expressarem seus sentimentos, pensamentos e posicionamentos é fundamental para seu desenvolvimento.

A comunicação por meio do desenho proporciona uma ampla visão de como a criança vê o mundo e se coloca nele como ser presente e ativo, que alinhado à oralidade e gestualidade, torna-se ferramenta importante na relação de comunicação e interação com a família. Assim, trabalhar temáticas como a Educação Ambiental, durante e após o período de isolamento social é necessário para a produção de sentidos ambientais. O desenho surge como uma forma de comunicação e exteriorização infantil, permitindo a expressão por meio de um instrumento lúdico.

É preciso ainda saber ponderar a intervenção, para que a criança não se veja ou se sinta sozinha tampouco tenha seus limites ultrapassados. Para um melhor desenvolvimento integral da criança é preciso que tenha certa autonomia, que tenha liberdade para expressar sua criatividade e posicionamentos críticos.

Baseado no estudo e no contexto social atual é necessário de maneira urgente um acompanhamento e orientação, no contexto da infância, em relação ao uso das tecnologias, a fim de torná-las ferramentas úteis para a formação da criança. Sendo assim, é preciso traçar estratégias para utilizá-las a favor da educação e desenvolvimento infantis (SIQUEIRA; FREIRE, 2019), além de esclarecimentos e orientações às famílias, em algumas situações. Ensinar a criança a utilizar as ferramentas tecnológicas para pesquisa e estudos trará maior autonomia para o desenvolvimento das próprias atividades e para ampliação do conhecimento.

Possibilitar experiências com a natureza permite perpetuar uma consciência ecológica que se estenderá até às famílias destas crianças. Segundo Júnior e Nogueira (2013), a formação acadêmica de futuros professores da Educação Infantil precisa ser concluída com experiências

acerca de práticas pedagógicas, especialmente com os projetos de pesquisa dentro da escola. Para além desse conhecimento, a Educação Ambiental passa a ser transformadora, pois segundo Loureiro (2004) se trata de uma relação entre nós, enquanto sociedade e mundo.

Os impactos causados pela pandemia da COVID-19 foram significativos para muitas famílias, que se viram desafiadas a transformar a rotina e formas de convivência. Para isso, é necessária, para o enfrentamento do distanciamento e isolamento social, uma convivência harmoniosa entre pais e filhos, a fim de que o estresse no convívio diário seja o menor possível. Um aspecto preocupante, sem dúvidas, é em relação ao uso extremo das telas, pois nem sempre há uma supervisão assídua dos pais quanto ao conteúdo acessado.

A percepção da mãe, referente aos cuidados da filha com a plantinha, possibilita considerar que em função do isolamento, instituído no contexto da pandemia, a mudinha passa a representar o elo entre a criança e a escola, conforme o relato: “a mudinha proporcionou uma experiência de conexão com a turma e com a professora”. Nota-se o quão significativo é para a criança permanecer de alguma forma dialogando com contexto escolar e seus agentes, principalmente no momento de confinamento.

A pandemia suscita reflexões provocativas sobre a percepção de que a natureza, assim como os bens naturais, está à disposição da espécie humana, com exclusividade, em detrimento de outras formas de vida. Nesse sentido é premente a discussão sobre os impactos produzidos pela ação humana junto à natureza, principalmente na compreensão de que a pandemia é uma consequência dos agravos humanitários e ambientais ao longo do tempo.

O pós-pandemia irá requerer a proposição de outras formas e modos de relação com os ambientes e a natureza e, trazendo para o diálogo o presente estudo, pode-se ressaltar quão importante são os projetos e estudos, escolares e familiares, que considerem a aproximação humana da natureza, a fim de conhecê-la e respeitá-la, visando à desconstrução de uma lógica equivocada que a reconhece como simples provedora de “recursos” naturais, a ser dominada e explorada. Para tal é necessário que a humanidade institua uma nova caminhada no sentido de uma descoberta individual e coletiva.

Por fim avalia-se, quanto à participação na pesquisa das crianças e famílias em função do contexto vivido de pandemia, como valioso. Considera-se que independentemente do número de crianças e famílias que concluíram o estudo, o fato de oportunizar, de alguma forma, a experiência em outros contextos relacionais, foi considerada exitosa por entender-se que se apenas uma criança e sua família tivessem participado, neste contexto de crise, teria sido considerada válida a proposição deste estudo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AYDOGDU, ALF. **Saúde mental das crianças durante a pandemia causada pelo novo coronavírus: revisão integrativa**. Journal Health NPEPS. 2020.

BAUER, Martin W.; GASKELL, Gaskell. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEZERRA, Anselmo; SILVA, Carlos Eduardo Menezes da; SOARES, Fernando Ramalho; SILVA, José Alexandre Menezes. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. **Ciênc. saúde coletiva** 25 (suppl 1), 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/abstract/?lang=pt>> Acesso em: 08 jul. 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Decreto Nº 40.509, de 11 de março de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências**. 132º da República. 60º de Brasília. Brasília. 2020.

BRASIL. Decreto Nº 40.939, de 2 de julho de 2020. **Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências**. 132º da República. 61º de Brasília. Brasília. 2020.

BIEGING, Patrícia; BUSSARELLO, Raul; ULBRICHT, Vania, Ribas, OLIVEIRA, Lídia. **Tecnologia e novas mídias**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2013.

CEVALLOS-ROBALINO, Doménica; REYES-MORALES, Nicolás; RUBIO-NEIRA, Mario. **Evolución e impacto de la infodemia en la población infantil en tiempos de COVID-19**. Rev Panam Salud Publica 45, 2021.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna. **O Planejamento da Pesquisa Qualitativa: Teorias e Abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOSS, Estefani; RODRIGUES, Edina Paula; BAVARESCO, Ângela Maria; BAVARESCO, Paulo Ricardo. ECOPSIKOTERAPIA: A NATUREZA COMO FERRAMENTA TERAPÊUTICA. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc São Miguel do Oeste**, [S. l.], v. 3, p. e19698, 2018. Disponível em: <<https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/19698>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

ELALI, Gleice. **O ambiente da escola – o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil**. Rio Grande do Norte. 2003.

FOLHA INFORMATIVA COVID-19 - escritório da OPAS e da OMS no Brasil. **Organização Pan-Americana da Saúde**. 9 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

FLORENCIO JÚNIOR, Públio; PAIANO, Ronê; COSTA, Aandré dos S. Isolamento social: consequências físicas e mentais da inatividade física em crianças e adolescentes. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, [S. l.], v. 25, p. 1–2, 2020. DOI: 10.12820/rbafs.25e0115. Disponível em: <<https://rbafs.emnuvens.com.br/RBAFS/article/view/14263>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

G1. **Aulas presenciais nas escolas particulares do DF são retomadas nesta segunda, veja regras**. Brasília, DF. 20 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDENBERG, Luciane; FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **O desenho infantil como escuta sensível na pesquisa com crianças: inquietude, invenção e transgressão na elaboração do mundo**. Rev. Humanidades, Fortaleza. v. 32, n. 2, p. 172-179, jul./dez. 2017.

GUERRA, Antônio; ORSI, Raquel; STEUCK, Eliane; SILVA, Márcia; SERPA, Paulo; SANTOS, Bruna; ROCKET, Ananda. **Educação ambiental: a resistência e o esperar em tempos de pandemia**. Revbea, São Paulo, V. 15, No 4: 237-258, 2020.

JÚNIOR, Samuel Silva; NOGUEIRA, Arlene. O projeto “sementinha mágica” e o ensino de ciências para crianças na educação infantil. **Revista Arete. Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, 2013.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1993.

LIMA, Francielle; MORAIS, Joscimaria; BASSETTI, Fátima de Jesus. **Percepção ambiental de crianças: investigação realizada por meio de desenhos**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. 2014.

LOPES, Priscila Almeida; PIMENTA, Cintia Cerqueira Cunha. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: Benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 3, n. 1, p. 52 – 66 - CAPUFPE, 2017.

MEDINA, A. M. C.; RIBEIRO, M. B. A., KYRILLOS, I. G. |

A educação ambiental e o contexto infantil e familiar durante a pandemia da COVID-19

LOPES, Ester Susana; TRACANA, Rosa Branca; CARVALHO, Graças Simões de. A criança e a natureza. Evidências sobre benefícios do contacto da natureza. O que ficou por fazer? In: Carvalho, G.S., Parente, M.C., Vilaça, T., Vieira, M. de F., Sarmento, T. & Ferreira, F.I. (Eds.). **EDULOG International Conference on Early Childhood Education: What Science Has to Teach Us - Programme and Abstracts**. Braga: CIEC. p.10-11, 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico. Educar, participar e transformar em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 2004.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MEDEIROS, Angélica; PEREIRA, Eliane; SILVA, Rose. **Desafios das Famílias na Adaptação da Educação Infantil à Distância Durante a Pandemia de Covid-19: Relato de Experiência**. EaD em Foco, v. 10, n. 3, e1051, 2020.

MEREDIEU, Florence de. **O desenho infantil**. 6. ed. São Paulo. 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2.ed., São Paulo: Hucitec/ Abrasco, 1993.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Brasília. 28 de abril de 2020. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 28 de novembro de 2020.

MORAES, Eduardo Cardoso. **Reflexões acerca das Soft Skills e suas interfaces com a BNCC no contexto do Ensino Remoto**. Research, Society and Development. V. 9, n. 10. P. 1689-1699. 2020.

OLIVEIRA, Antônia Soares; NETO, Augusto Brito; OLIVEIRA, Lygia Maria. Processo ensino aprendizagem na educação infantil em tempos de pandemia e isolamento. v. 1 n. 6 (2020). **Ciência Contemporânea**. Disponível em: <<http://cienciacontemporanea.com.br/index.php/revista/article/view/32>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

OLIVEIRA, Cyntia Bisinoto; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2010, v. 27, n. Acesso em: 07 jul. 2021. pp. 99-108. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>>. Epub 04 Jan 2011. ISSN 1982-0275. Acesso: em: 08 jul. 2021.

PACHECO, Mariã Aparecida Torres; PINTO, Leandro Rafael PETROSKI, Fábio Roberto. **O uso do celular como ferramenta pedagógica: uma experiência válida**. EDUCERE. XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Disponível em: < https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24549_12672.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2021

PAPALIA, Diane; FELDMAN, Ruth. **Desenvolvimento humano**. Artmed editora, 2013.

PEQUITO, Paula; PINHEIRO, Ana; SILVA, Brigitte; GONÇALVES, Daniela; CORTESÃO, Irene; NEVES, Ivone. **Histórias de um bicho mau: traços e vozes das crianças sobre a COVID-19**. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. 2020.

RODRIGUES, José Victor dos Santos; LINS, Ana Carolina. Possíveis impactos causados pela pandemia da COVID-19 na saúde mental das crianças e o papel dos pais neste cenário. **Research, Society and Development**, 2020.

ROSA, Helena Rinaldi. **Desenho da figura humana em crianças: indicadores emocionais, evidências de validade e precisão**. 2018. Tese (Livre Docência em Psicologia escolar e do desenvolvimento humano) - Instituto de Psicologia, University of São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.semanticscholar.org/paper/Desenho-da-figura-humana-em-crian%C3%A7as%3A-indicadores-e-Rosa/2dd36649f8edc8b7b1c84ed23d192fb8c3fdc035>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas**. Campinas. 2011.

SAURABH Kumar; RANJAN Shilpi. **Compliance and Psychological Impact of Quarantine in Children and Adolescents due to Covid-19 Pandemic**. Indian J Pediatr. 2020

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL. **Cronograma de retomada das atividades presenciais nas escolas da rede pública do DF será adiado**. Brasília, DF. 19 de agosto de 2020. Disponível em: <<http://www.educacao.df.gov.br/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2020.

SIQUEIRA, Alessandra Cardoso; FREIRE, Cláudia de Oliveira. A INFLUÊNCIA DA TECNOLOGIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. **Revista FAROL**. Edição v. 8, n. 8 (2019). Disponível em: <<http://www.revistafarol.com.br/index.php/farol/article/view/152>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Cristiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, 2019.

YIN, R. **Estudo de caso. Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.